



## POÉTICA E FILOSOFIA DA PAISAGEM

The ars poetica and philosophy of the landscape

Poética y filosofía del paisaje

COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Organização da tradução: Ida Alves. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013. 204 páginas.

José Arilson Xavier de Souza\*

A paisagem desponta como tema de discussão de várias áreas do conhecimento. Dentre essas, a Filosofia e a Geografia. Para esta última, a paisagem é compreendida enquanto conceito-chave. Com efeito, o entendimento sobre a paisagem é diverso, complexo e jamais será contemplado de modo unicamente disciplinar. Pelo contrário, a paisagem parece requerer que a sua leitura considere distintas ordens de pensamento. A partir dessa compreensão, certamente impregnada pela minha formação acadêmica de geógrafo, me permiti o desafio de resenhar a obra *Poética e filosofia da paisagem*, do professor francês, filósofo e poeta, Michel Collot.

Collot é professor de Literatura Francesa na *Universidade de Sorbonne Nouvelle – Paris III*, onde dirige o centro de pesquisas “Escritas da Modernidade”. Seus estudos sobre Literatura e paisagem, seguindo direcionamentos fenomenológicos, têm proposto aos seus leitores um novo olhar sobre a relação do homem com a natureza. A sua valorização do fato poético propõe o reencontro do homem com o mundo, ao passo que critica aquilo que chama de *clôture du texte* [clausura do texto]. Referência internacional nos estudos em tela, Michel Collot participou em 2013 de um colóquio sobre Literatura e Paisagem na cidade do Rio de Janeiro, organizado pelo grupo de pesquisa UFF-UFMA/CNPq *Estudos de Paisagem nas Literaturas da Língua Portuguesa*, lançando a obra por ora resenhada.

\* Licenciado e Bacharel em Geografia pela UVA. Mestre em Geografia pela UFC. Doutorando em Geografia pela UERJ. E-mail: arilsonxavier@yahoo.com.br

O livro, uma coletânea de textos, que pela primeira vez tem publicação no Brasil, oferece dez ensaios que remetem à experiência da paisagem como pensamento e linguagem, a saber: 1. Pensamento-paisagem; 2. Paisagem e literatura; 3. Lugares românticos e descrição poética; 4. O espaçamento do sujeito; 5. Horizonte e imaginação; 6. A crise da paisagem; 7. Transfigurações; 8. Desfigurações; 9. Abstrações; 10. A abertura do mundo.

As palavras iniciais do autor reconhecem que o interesse crescente pela paisagem não é moda ou um simples fenômeno social, mas um fato de civilização que corresponde à evolução das mentalidades. Versam sobre a importância da sua discussão para a cultura em diversas áreas do saber. Com isso, situa-se a paisagem como um *procedimento estratégico* capaz de proporcionar uma reforma do ver, do fazer e do pensar. Assim, o sintagma “pensamento-paisagem”, cerne de reflexão da obra, começa a ganhar destaque, sugerindo que “a paisagem provoca o pensar e que o pensamento se desdobra como paisagem” (COLLOT, 2013, p.12).

O geógrafo francês Augustin Berque é citado ao expor as ideias de “pensamento paisagístico” e “pensamento da paisagem”<sup>1</sup>. Ele crê que a paisagem desencadeia o pensamento e que certas ideias advêm da paisagem. Collot fala da emergência do “pensamento-paisagem”, acreditando que a relação do homem com o meio está sendo reinventada sob a égide de práticas paisagísticas plurais. A Geografia, interessada pela *questão paisagem*, é referida por viver um novo momento quanto à crescente dimensão espacial dos fenômenos sociais – “reviravolta espacial” ou “reviravolta geográfica” – integrando cada vez mais a dimensão histórica, tornando-se cada vez mais uma geografia humana, econômica, social e cultural<sup>2</sup>.

Ainda na introdução, lê-se um apontamento interessante para a Geografia e outras áreas do saber, como, por exemplo, a Literatura, refletora da relação entre o homem e a paisagem:

A paisagem aparece, assim, como uma manifestação exemplar da multidimensionalidade dos fenômenos humanos e sociais, da interdependência do tempo e do espaço e da interação da natureza e da cultura, do econômico e do simbólico, do indivíduo e da sociedade. A paisagem nos fornece um modelo para pensar a complexidade de uma realidade que convida a articular os aportes das diferentes ciências do homem e da sociedade (COLLOT, 2013, p.15).

O primeiro capítulo versa sobre a assertiva de que a paisagem possui *ideias* e provoca o pensamento, traduzindo construções sociais e expressões culturais. Como já sinalizei, o entendimento desse

<sup>1</sup>Em síntese, o “pensamento do tipo paisagístico” estaria relacionado à maneira como os povos organizaram os seus meios até o Renascimento, e o “pensamento da paisagem” tomaria a paisagem por objeto de reflexão e/ou de representação, desenvolvido a partir da palavra e da imagem (BERQUE *apud* COLLOT, 2013).

<sup>2</sup>Sobre esse assunto, Collot recomenda consultar a obra *Voir la terre: six essais sur le paysage et la géographie*, do geógrafo francês Jean Marc Besse. No Brasil, ver: BESSE, Jean-Marc. *Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

capítulo é fundamental para a compreensão da obra e, portanto, debruçar-me-ei sobre o mesmo com mais extensão do que sobre os demais. Nesse capítulo, Collot entende que “a paisagem é um espaço percebido, ligado a um ponto de vista” (COLLOT, 2013, p. 17), fenômeno complexo que envolve pelo menos três componentes: um local, um olhar e uma imagem<sup>3</sup>. Deste modo, entende-se que “um ambiente não é suscetível a se tornar uma paisagem senão a partir do momento em que é percebido por um sujeito” (COLLOT, 2013, p. 19).

É explícita a influência da fenomenologia de Merleau-Ponty quanto à construção das questões de um pensamento-paisagem proposto por Michel Collot. De tal maneira, o modo como compreende o exame da paisagem comporta a análise, não dual, do *sensível e sentido*, do *visível e invisível*, do *sujeito e objeto*, do *espaço e pensamento*, do *corpo e espírito*, da *natureza e cultura* e da *experiência e expressão*. “A paisagem não é apenas vista, mas percebida por outros sentidos, cuja intervenção não faz senão confirmar e enriquecer a dimensão subjetiva desse espaço” (Ibidem, p. 26). Experimentável, a paisagem apresenta-se como um *espaço transicional* entre o dentro e o fora. Ademais, “o pensamento-paisagem é um pensamento partilhado, do qual participam o homem e as coisas” (COLLOT, 2013, p. 29).

No tocante à espacialidade do pensamento, o autor faz citação ao projeto de geofilosofia, ao considerar que a espacialidade humana não se basta em termos de localização. O pensamento direciona-se aos espaços, e abre-se ao apelo de alhures. A paisagem é, então, valorizada como noção justamente pela sua capacidade de unir o aqui e o lá. Por essa abordagem, essa *espécie de espaço pensado* não é uma ingênua metáfora, pois a linguagem traz consigo propriedades espaciais. “A própria palavra metáfora tem uma conotação espacial”<sup>4</sup>. Reconhece-se o uso de metáforas espaciais como um sinal de convivência entre o pensamento, o espaço e a linguagem. Os poetas são apontados como bons sabedores da relação íntima entre metáfora e espaço-paisagem.

Destaca-se na obra a experiência da paisagem. Considerando a percepção, a posição do corpo no espaço e a dimensão física das palavras, vejamos a concepção de Collot:

A experiência da paisagem, revelando a secreta continuidade que une o mundo ao corpo e o corpo ao espírito, convida-nos a redefinir as relações entre natureza e cultura. Essa experiência resulta de uma interação entre o corpo, o espírito e o mundo, e se inscreve no prolongamento das trocas que nosso organismo mantém com o meio natural (COLLOT, 2013, p. 40).

<sup>3</sup> Sugiro, a este propósito, ver GOMES, Paulo Cesar da Costa. *O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. O geógrafo, autor desta obra, situa a análise da espacialidade humana como uma questão de posição e, assim, discorre sobre três expressões: ponto de vista, composição e exposição.

<sup>4</sup> Acerca do uso de metáforas pelos geógrafos, é válido conhecer o debate sobre cultura e geografia entre o geógrafo Don Mitchell e os geógrafos culturais Peter Jackson, Denis Cosgrove e James Duncan e Nancy Duncan. Ver: REVISTA ESPAÇO E CULTURA. Edição comemorativa (1993-2008). Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 2008.

Com isso, deseja-se dizer que a natureza humana e das coisas encontram-se indissociáveis, e que as emoções humanas frente às paisagens denunciam o pertencimento do espírito humano à natureza.

Essa interação entre natureza e cultura é ainda mais evidente quando se passa da percepção à construção da paisagem. A paisagem é configurada, ao mesmo tempo, por agentes naturais e por atores humanos em interação constante: é, portanto, uma co-produção da natureza e da cultura em todas as suas manifestações, desde as mais materiais (a começar pela agricultura) até as mais espirituais (pintura e poesias incluídas) (COLLOT, 2013, p.43).

O segundo capítulo é dedicado com maior ênfase aos interessados em Literatura. Aportando suas reflexões, sobretudo a partir de obras francesas, a Literatura é apresentada como um saber que há bem pouco tempo vem abandonando esquemas estruturalistas para reconhecer, poeticamente, sujeito e paisagem. Por essa nova ótica, “longe de ficar estática como uma imagem, a paisagem é um espaço a percorrer, a pé, num veículo ou em sonho” (COLLOT, 2013, p. 52). A “paisagem literária” corresponde a uma estrutura perceptiva que envolve imagem, corpo e alma. Entende-se que a paisagem pode ser revelada por meio das páginas de um texto – *efeito-paisagem* – assim como a paisagem pode ser lida e compreendida na qualidade de um texto<sup>5</sup>. Paisagem e texto têm sentidos indissociáveis de seus significantes.

O capítulo seguinte trata de lugares românticos e descrição poética. Passando pelo Romantismo, Realismo e Naturalismo, realizam-se considerações sobre a ideia de *paisagem romântica*. Baseada, nomeadamente, em Shakespeare e Rousseau, a paisagem romântica é notada como aquela cuja pureza solicita a imaginação, a sensibilidade, as emoções e os devaneios, nos quais o indivíduo fica frente a frente com a natureza e seu criador, afastado do meio social – “paisagens de figuras ausentes”. O gênero descritivo é lembrado, antes, como um gênero poético, nem sempre com efeito romântico. “Nascida para atender ao apelo da paisagem, a descrição romântica é [...] mais uma arte do espaço que do tempo” (COLLOT, 2013, p. 81).

Na sequência, o quarto capítulo coloca em relevo o *espaçamento* do sujeito. Em correspondência com os juízos do Romantismo, a paisagem tem a ver com o estado do corpo e d’alma; alma que se projetaria sobre as paisagens, tomando o sujeito consciência do mundo. Para tanto, aproveitando-se da arte e do pensamento romântico, Collot busca exemplos de espaçamento na filosofia, na poesia e na pintura. A experiência da paisagem é analisada pela sua capacidade de provocar êxtase, quando o sujeito sai de si – pensamento de poetas líricos – e o mundo parece tocar seu interior. O pintor estaria entre pintar o que vê e pintar também o que sonha – *paisagens do interior*, mas sem se desvincular do mundo.

<sup>5</sup> Na Geografia, sobre a concepção da paisagem como texto, ver: DUNCAN, James. “A paisagem como sistema de criação de signos”. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). *Paisagens, textos e identidade*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2004. Para Duncan, a paisagem “é um dos elementos centrais num sistema cultural, pois, como um conjunto ordenado de objetos, um texto age como um sistema de criação de signos através do qual um sistema social é transmitido, reproduzido, experimentado e explorado” (2004, p. 106).

“Horizonte e Imaginação”, o capítulo cinco, é iniciado ratificando que, com o Romantismo, a paisagem tornou-se um gênero pictural, inspiradora de músicos e escritores no que trata sobre a expressão e representação dos seus sentimentos. O horizonte, constitutivo da paisagem, linha imaginária, dependente de fatores objetivos e, do ponto de vista do sujeito, é apontado como uma estrutura de apelo romântico. Logo, a imaginação tem a função não de inventar outros mundos, mas de recriar o nosso mundo, trazendo-lhe animação. Quanto à experiência do espaço e suas significações, no campo do visível e invisível, horizonte e imaginação parecem abrir perspectivas de um ver que dá a dizer porque faz sonhar.

O capítulo seis traça uma discussão sobre o que chama de “crise da paisagem”, apresentando um panorama de concepções pensadas entre o final do século XIX e início do século XX – movimento modernista – em que se denuncia a impotência do artista em representar a paisagem, afetando fortemente a sua prática pictórica e poética. Nesse contexto, a ideia romântica da paisagem é criticada sob a acusação de gerar perigosas ilusões líricas e metafísicas. O poeta lírico e o “eu romântico” são acusados de narcisistas, de esquecerem a finitude e a realidade, e, mais, de desconsiderarem a alteridade. Nessa trama, a paisagem é *perdida de vista*. Não é, assim como a poesia, considerada objeto do real, senão mera ilusão de ótica.

Os próximos três capítulos estabelecem um debate sobre as transfigurações, desfigurações e abstrações da paisagem no campo artístico-literário. A Literatura surrealista responde como o movimento que entende que a paisagem se presta à transfiguração, desconsiderando, muitas vezes, o real, dando margem e liberdade à fantasia da dimensão imaginária. Principalmente após a Segunda Guerra Mundial, privilegiando um olhar sobre a França, Michel Collot diz que a poesia se volta a um “novo realismo”. Traz em seus textos um mundo áspero de apreender, uma paisagem agora engajada com os ideários de resistência nacional a fim de fortalecer o mito de uma “paisagem francesa”, desfigurada conceitualmente. Passados os anos 50, a cena literária se torna menos penalizada sob a missão de *reparar o mundo* e, de novo, a paisagem é levada à reflexão, por ora sobre as possibilidades de sua abstração. O embate entre formalistas e textualistas de um lado, e autores que acreditavam que era possível assentar a paisagem para além da linguagem, inaugura a fase de *renascimento da paisagem*.

A coletânea de textos reunidos no livro se encerra com a tese de que a paisagem proporciona a abertura do mundo ao sujeito. Isto ocorre não só em seus aspectos visíveis, mas também invisíveis, a depender do ponto de vista, da imaginação e dos sentimentos do sujeito. O horizonte traz consigo o apelo às terras distantes e parece convidar à viagem, bem como à estruturação de “paisagens imaginárias” – tais paisagens podem funcionar como respostas ao desencantamento do mundo, atuando como refúgios para escapar das tensões sociais. Conhece-se, portanto, uma reviravolta da poesia, situação que se inscreve num

quadro mais amplo de evolução filosófica, artística e literária na França. Em replicação a um “materialismo da letra”, volta a ganhar reconhecimento uma/a “poética a serviço da expressão do sentimento pessoal ou da celebração do Ser” (COLLOT, 2013, p.182), não com a valorização de uma subjetividade *per si*, mas colocada à prova a partir da alteridade.

Em sua conclusão, Michel Collot diz que a paisagem parece oferecer uma excelente ocasião para se exprimir uma “poética da relação”. Neste intento, enquanto lugar<sup>6</sup> de trocas, onde se reencontram e se confrontam diferentes pontos de vista – uma espécie de *ágora* – a paisagem é importante por suas implicações políticas. Ao poeta é recordado que a sua arte deve estar engajada com toda a experiência humana e sua voz, quando *escreve a paisagem*, deve ser diferenciada no debate da construção dos espaços de nosso futuro. A função da geografia é destacada na medida em que cumpre a gestão e representação do meio para evolução dos indivíduos e sociedades. Depreende-se, portanto, que, para contribuir com uma das noções mais essenciais da civilização atual– paisagem –, a Geografia deve levar em conta a espacialização da atividade e do pensamento humano ao longo do tempo. Afinal, “vivemos, sentimos, criamos, pensamos no espaço e com ele, como também no tempo” (COLLOT, 2013, p. 198).

O desafio mencionado no parágrafo inicial da resenha é, agora, alargado àqueles que, geógrafos ou não, se interessarem por interpretar a poética e a filosofia da paisagem – obra e expressão<sup>7</sup> – concorrendo para uma reelaboração “geopoética” da relação homem-paisagem-mundo. Uma ressalva: não há caminhos pré-estabelecidos; a “coisa poética” comunga com a fertilização de ideias e paisagens. Penso que, embora escape ao entendimento do geógrafo, a *paisagem do filósofo* não deixa de ser geográfica. Ambas são sensíveis à linguagem, abrem-se ao pensar e ao falar, e são impregnadas de cultura e de vida, não se bastando por representações e análises objetivas.

---

<sup>6</sup>Cumprer salientar que, para a Geografia, *lugar* é um conceito-chave e difere, certamente, do emprego que Collot faz, utilizado como sinônimo de ponto, localização.

<sup>7</sup> Ver: SOUZA, José Arilson Xavier de. A paisagem de peregrinos a pé: o horizonte é logo ali. *Espaço e Cultura* (UERJ), RJ, N.35, p. 107-123, JAN./JUN, de 2014. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/18908/13705> . O artigo analisa a experiência de homens que peregrinam a pé e ensaia o aproveitamento de algumas das reflexões de Michel Collot.